

PARA ESTA QUARESMA DE CRISE

1. É da comum experiência da História e da nossa história pessoal, que todos passamos por “crises”, por situações críticas que provocaram desequilíbrios e eventuais choques traumáticos. E podem ter acontecido “inesperadamente” em questões de mudança de idade, perdas de saúde, de acidentes ou desilusões na vida conjugal, familiar, profissional, económica, social, de crença religiosa, política ou na escala de valores, que atingem a consciência ética e respectivas perigosas consequências no relacionamento humano desajustado da equidade e da fraternidade efectiva.
2. Todos verificamos que quanto mais intensa e prolongada for a crise, maior é o risco do desgaste psicossomático familiar e social devido à tensão, à inquietação destabilizadora da confiança e da esperança, o que poderá desencadear medos obsessivos e até depressões e delírios insensatos. Pelo que esta crise não deve ser nem iludida, mas enfrentada a partir das lições da História e pela avaliação ponderada das circunstâncias actuais, neste tempo de inevitável globalização para os riscos e os benefícios.
3. É tempo de, serena mas rapidamente, identificar as causas e os responsáveis pessoais e das incorrectas metodologias a corrigir para enfrentar o futuro, medindo os riscos das actuais decisões e orientações, adaptando-nos às previsíveis situações de “carência” e “inventando o futuro” possível, com ciência e consciência de efectiva solidariedade. Todos sabemos que a hesitação e a vacilação perturbam o raciocínio realista e avaliativo para conseguir decisões correctas e concretas adaptadas à nossa circunstância a sofrer e a superar pertinentemente.
4. É o tempo propício e urgente para cada pessoa, cada casal e em família:
 - Parar, escutar, ouvir e entender os outros como eles precisam; e avaliar rigorosamente como tudo poderá ser enfrentado com espírito e bom acolhimento pelas justas diferenças pessoais;
 - Todos deveriam ter voz e vez para bem ponderar o que é urgente e o que poderemos e deveremos partilhar com quem mais precisa;
 - Devemos tomar decisões realistas sobre todos e cada um, no que podem e devem “partilhar” em tarefas familiares e sociais.
5. Parece evidente que a vida familiar deve ser o primeiro laboratório da equidade do empenhamento e do amor explícito:
 - Todos se devem empenhar em serem efectivamente pessoas verdadeiras, competentes, honestas e transparentes no respeito pelas justas diferenças;
 - Cada pessoa deve vencer as “manias” egocêntricas que incomodam os outros e todos devem cultivar a cortesia, a fidelidade, a consciência do dever e da autenticidade.
6. Evitar programadamente:
 - O que for fútil, inútil ou prejudicial para si ou para os outros;
 - Investir na auto-libertação do que me impede de ser feliz, fazendo os outros felizes respondendo às suas correctas necessidades;
 - Agir a tempo e horas para partilhar o que não for necessário para viver como cristão responsável e solidário.

Fr. Bernardo Domingues, o.p.